

Tânia Abreu
(Diretora de Biblioteca da EBP)

EBP Escola Brasileira
de Psicanálise

Outubro 2014

Bibliô
Referências



BIBLIÔ
INFORMA

Boletim eletrônico das
Bibliotecas da EBP

Bibliô #15

Outubro 2014

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

Tânia Abreu (Diretora de Bibliotecas da EBP)



SETE LIÇÕES SOBRE HAMLET

Pesquisa realizada por: Mirta Zbrun (Coordenação). Clarisse Boechat; Lenita Bentes; Leonardo Scofield; Maria Aparecida Malveira; Paula Legey; Patricia Paterson;



A TRAGÉDIA DE HAMLET. Príncipe da Dinamarca.

De Williams Shakespeare

Apresentação.



Patrícia Paterson

Neste BIBLIO REFERÊNCIAS vocês terão acesso aos resultados das pesquisas realizadas a partir dos capítulos XIII, XIV e XV do Seminário 6 de Jacques Lacan, “O desejo e sua interpretação”. Apresentaremos as principais referências trabalhadas por Lacan nestes capítulos, nos quais começa a desenvolver sua instigante análise da tragédia de Hamlet, descortinando a estrutura do desejo na psicanálise e revelando o conflito psíquico, próprio à constituição do sujeito do desejo. O tema de Hamlet, promovido por Freud a um estatuto equivalente ao do Édipo, foi retomado por inúmeros autores desde então. Lacan dedicou-se à retomada da tragédia a fim de aprofundar suas elaborações acerca do complexo de castração e discutir suas articulações no percurso de uma análise.

No capítulo XIII, o primeiro da parte “*Sete lições sobre Hamlet*”, é trabalhado o ato impossível de realizar. Freud mostrou que, no Édipo, os desejos infantis aparecem e se realizam como nos sonhos. Neste sentido, Hamlet teria as mesmas raízes que Édipo, com a diferença de que os efeitos do recalçamento deixam claras as diferenças culturais das duas épocas. A mesma temática é posta em cena, com destinos tão diferentes por conta da impossibilidade, na qual se encontra o protagonista, de realizar o ato intencionado de vingar a morte de seu pai. Hamlet não consegue se vingar de um homem que eliminou seu pai e tomou o lugar deste junto a sua mãe.

Cláudio é a verdade de Hamlet, o que ele realiza é o desejo de Hamlet. O “*ser, ou não ser*” diante do qual Hamlet se coloca, serve para encontrar o lugar tomado por aquilo que seu pai lhe disse na fantasia, quando foi surpreendido pela morte “na flor de seus pecados”. Há alguma coisa que está mal no desejo de Hamlet, o que fica evidenciado pela eterna procrastinação. O que é preciso situar no desejo de Hamlet é o que está na sua fantasia, que é o eixo, a alma, o centro, a pedra de toque do desejo, ou seja, seu objeto. A personagem Ofélia encarna para Hamlet o drama do desejo, que se expressa como horror à feminilidade, no que Lacan chamou de barômetro da posição de Hamlet diante do desejo.

Em seguida, o capítulo XIV, “*Armadilha ao desejo*”, é dedicado ao exame das principais posições assumidas pelas críticas a Hamlet. Lacan indica que o contexto histórico em que a tragédia foi encenada pela primeira vez, foi um contexto de mudança, pela morte da rainha Elisabeth. Apesar disso, e dos inúmeros escritos psicanalíticos acerca da tragédia, pouco se levou em conta este fato. Ficou-se mais preocupado em discutir os aspectos psicológicos do personagem Hamlet, e fazer uma interpretação do mesmo ao invés de buscar compreender a obra em seu conjunto. Contrário a essa perspectiva, Lacan recorre ao importante artigo de Ernest Jones “*O complexo de Édipo como explicação para o mistério de Hamlet*”, em que este discorre sobre aquelas que considera as duas principais posições da críticas, e inclui uma terceira, propriamente psicanalítica, que se baseia na aposta de que o conflito reflete a contradição interna à tarefa de Hamlet. Ainda que o sujeito pretenda realizar a tarefa, por alguma razão que desconhece, ele a repugna. Assim, Lacan mostra que o que distingue a tragédia de Hamlet é justamente o fato de ser a tragédia do desejo.

O primeiro passo propriamente analítico foi afastar a referência a uma psicologia profunda e

aproximá-la de um arranjo mítico, como o do Édipo. Hamlet ensina algo sobre a estrutura do desejo, de que é preciso que se encontre o desejo, ou seja, embora o sujeito seja marcado por ele em sua constituição, sua posição de sujeito do desejo precisa ser construída. A tarefa de matar Claudius, e assim vingar a morte do pai, atualiza para Hamlet o desejo inconsciente de substituir o pai no afeto da mãe, de modo que a estrutura mítica do Édipo é posta em cena pela tragédia Shakesperiana.

Lacan se baseia também no artigo de Otto Rank, onde este trabalha a função da cena dentro da cena, artifício utilizado por Shakespeare na segunda cena do ato II, quando Hamlet decide organizar uma peça em que fosse encenada uma situação análoga a que teria ocorrido com o seu pai, ou seja, o assassinato de um homem por seu irmão que depois lhe tomaria a esposa e o reino. O intuito de Hamlet com a encenação é “apanhar a consciência do rei”, ou seja, observar a reação de Claudio ao assistir a cena para determinar sua culpa ou inocência. Há porém, outra verdade que se revela nessa encenação e que diz respeito ao desejo do próprio Hamlet, pois este coloca em cena seu próprio desejo como ficção. Rank enfatizada a identificação de Hamlet com seu tio, portanto, o que Hamlet manda encenar é ele mesmo assassinando o rei. Desse modo, dois planos do desejo de Hamlet são levados ao palco: um em que ele executa a tarefa que procrastina, e outro plano, mais sutil, em que se revela o desejo de Hamlet de matar o rei e tomar seu lugar ao lado da mãe.

Por fim, o capítulo XV, “O desejo da mãe”, retoma a importância do objeto feminino, que no capítulo anterior tinha sido introduzido com a afirmação, por Rank, de que Hamlet identifica Ofélia a sua mãe. Para Lacan, o que há de primordial em Hamlet, para além do caráter biográfico que pode ser investigado, é a equivalência de sua estrutura à estrutura do Édipo. O que Lacan nomeia “valor de estrutura” de uma obra sustenta-se pelo conjunto da mesma, por sua articulação como tal. O que toca e emociona seus leitores e espectadores são “o lugar que ela nos oferece, pelas dimensões de seus desenvolvimentos, para nele alojar o que é em nós retido, a saber, nossa própria relação com nosso próprio desejo.” Identifica o “efeito Hamlet”, que se faz presente uma vez que o personagem é composto por “alguma coisa que é o lugar vazio onde situar nossa ignorância”, nas palavras de Lacan. Ignorância aí, empregada no sentido da presentificação do inconsciente, de modo que o efeito de Hamlet está no espaço vazio que compõe seu discurso oferecendo lugar ao desejo inconsciente de cada um que o lê.

Hamlet pode ser uma composição, uma estrutura tal que aí o desejo encontra seu lugar correto, um lugar para todos os desejos. Onde todos os problemas da relação do sujeito ao desejo podem se projetar, para Lacan seria suficiente ler dessa forma a tragédia do personagem. Ao seguir a peça nos apercebermos de que aquilo com que Hamlet lida o tempo todo é um desejo, levando em conta o lugar onde está na peça, o desejo não é pela sua mãe, mas o ‘desejo de sua mãe’. Interessa-nos destacar que, dessa cena que funciona como ponto pivô da peça, ele sai outro, um novo sujeito, produz-se em Hamlet esse momento singular em que ele pode assumir seu desejo. Lacan indica ainda que, sobre a questão do luto do objeto perdido, temos aí um problema que pode ser articulado ainda para além da formulação freudiana. A saber, que se o luto ocorre em razão de uma introjeção do objeto perdido, para que ele seja introjetado deverá haver uma condição prévia: que ele seja constituído enquanto objeto, ou seja, de que alguma separação já se tenha operado.

Esperamos que, com essas indicações, o leitor se sinta instigado, assim como o trabalho sobre o seminário nos tem instigado!

CAPÍTULO XIII: O ATO IMPOSSÍVEL

TEMA I: O FALO É O CURINGA QUE NÃO ESTÁ EM LUGAR NENHUM E NUNCA SERÁ ENCONTRADO.

Lacan encerra o capítulo XII, localizando o falo na análise estrutural que dedicou a propósito do sonho do paciente de Ella Sharpe. Ao detectar os elementos significantes das ramificações estruturais da fantasia, assinala as inconsistências: “parece que aquilo de que se trata no caso é, alguma coisa que está mais próxima da busca do falo perdido do que um pipi na cama” e acrescenta que do lado do sujeito, o falo é o curinga que não está em lugar nenhum e nunca será encontrado.

Lacan evoca o talento de Raymond Queneau, que colocou na epígrafe do livro *Zazie dans le Métro*: “aquele que a fez desaparecer”, isso cuidadosamente dissimulou seus motivos. A história da menina Zazie, muito prestigiada na França, narra as andanças desta; vinda do interior, pela primeira vez a Paris dos anos 50 e sob os cuidados do tio Gabriel, Zazie tem duas obsessões: andar de metrô e ganhar a tão sonhada calça Jeans. Não consegue ter acesso ao metrô por causa da greve, isso frustra suas expectativas e ela sai pela cidade a pé provocando confusão. Lacan acrescenta que é na medida em que o falo não é posto em jogo, que o falo preservado, o sujeito não poderá ter acesso ao mundo do Outro.

No seu escrito de 1958, *A significação do falo*, Lacan esclarece que na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto - parcial, interno, bom, mau, etc. - na medida em que esse termo tende a desprezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos.

O falo é um significante, um significante cuja função na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. O falo é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante.

PROPOSIÇÕES

A - O SUJEITO, COMO O ENSINA A DOCTRINA DESDE MUITO TEMPO, QUER MANTER O FALO DA MÃE.

B - A FANTASIA É O EIXO, A ALMA, O CENTRO, A PEDRA DE TOQUE DO DESEJO.

AUTORES CITADOS

Raymond Queneau (1903 - 1976). Nascido em [Le Havre](#), [Normandia](#), Queneau foi único filho de Auguste Queneau e Joséphine Mignot. Ele se formou em [1919](#) em latim e grego e depois em [1920](#) em filosofia, estudou na [Sorbonne](#) (1921-1923). Como autor Queneau se destacou na [França](#) com a publicação de seu romance de [1959](#) *Zazie dans le métro* e com sua adaptação para o cinema do filme dirigido por [Louis Malle](#) em [1960](#), um dos expoentes da [Nouvelle Vague](#). Zazie explora a linguagem coloquial se opondo ao linguajar do francês escrito na época.

Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu [pseudônimo Lewis Carroll](#) ([Daresbury](#), [27 de janeiro de 1832](#) — [Guildford](#), [14 de Janeiro de 1898](#)). Romancista, contista, fabulista, poeta, desenhista, fotógrafo, matemático e reverendo anglicano britânico. Lecionava matemática no [Christ College](#), em [Oxford](#). É autor do clássico livro [Alice no País das Maravilhas](#), além de outros poemas escritos em estilo [nonsense](#) ao longo de sua carreira literária, poemas estes que são considerados políticos, em função das fusões e da disposição espacial das palavras, como precursores da poesia de [vanguarda](#).

Lacan, a propósito do falo idealizado, indica que ainda neste ano voltará a Lewis Carroll em, *Alice: Alice in Wonderland* e *Through the looking-glass*, (1872) para falar dos avatares fálicos.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

Lacan, J. A Significação do falo. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 696.

Lacan, J. A Juventude de Gide ou a letra e o desejo. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 739.

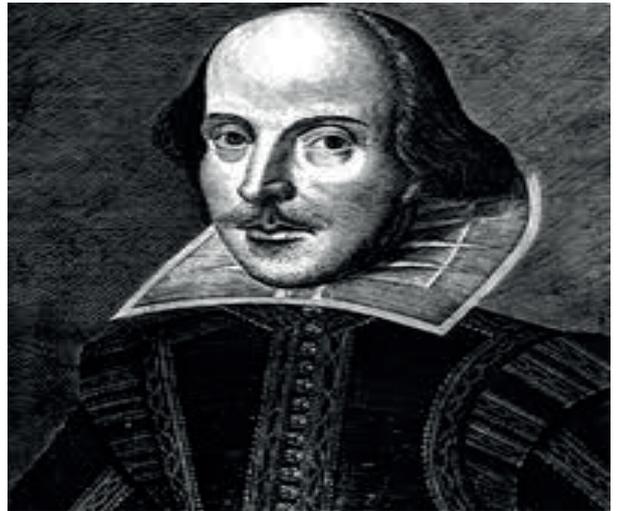
Lacan, J. *Hamlet por Lacan*. Escuta Editora, 1986. (Fragmento das anotações de Octave Manoni, cotejadas com o texto publicado em *Ornicar* 25, 1982; 26,27, 1983).

Miller, J-A. *Perspectiva dos Escritos e Outros Escritos*. ANO, EDITORA?

TEMA II: OS ESCRÚPULOS DE CONSCIÊNCIA.

Uma posição dupla entre Claudius e Hamlet, ou seja, a de um rival. Num segundo nível Claudius faz o que Hamlet não tem a ousadia de fazer. Em nome dos escrúpulos de consciência? Se

tudo está de acordo para que Hamlet haja ele, porém, está impedido por estar despossuído dos sentimentos de rivalidade. Há aqui, diz Lacan, uma grande simplicidade: o que tentamos articular em algum lugar no inconsciente é o desejo. Da mesma forma que Hamlet se expressa em Claudius, Shakespeare se expressa em Hamlet pela via da procrastinação do desejo como um traço, fundamental do qual Hamlet está afetado, o que o mantém impedido. No impedimento o sujeito é pego na armadilha – o sujeito fica impedido de se ater ao seu desejo que nada mais é do que uma duplicação da inibição.



PROPOSIÇÕES

A - HEBENON É A TOXIDEZ DO QUE SE OUVI.

B - O SARCASMO DA CRUELDADE DE HAMLET RESPONDE AO FEMININO: OFÉLIA.

C - POLONIUS, O PSICANALISTA SELVAGEM, ESCREVE AONDE DEVERIA LER.

AUTORES CITADOS

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1900) foi um [filólogo](#), [filósofo](#), [crítico cultural](#), [poeta](#) e [compositor alemão](#) do [século XIX](#).^[1] Escreveu vários textos críticos sobre a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por [metáfora](#), [ironia](#) e [aforismo](#).

William Shakespeare (1564 - 1616).^[1]

Poeta e dramaturgo inglês, tido como o maior [escritor](#) do [idioma inglês](#) e o mais influente dramaturgo do mundo.^[1] É chamado frequentemente de [poeta nacional](#) da Inglaterra e de “[Bardo do Avon](#)” (ou simplesmente *The Bard*, “O Bardo”). De suas obras restaram até os dias de hoje 38 [peças](#),^[1] 154 [sonetos](#), dois longos [poemas narrativos](#), e diversos outros poemas. Suas peças foram traduzidas para os principais idiomas mundiais, e são as mais encenadas até a atualidade.^[1] Muitos de seus textos e temas, especialmente os do teatro, permaneceram vivos até aos nossos dias, sendo revisitados com frequência pelo [teatro](#), [televisão](#), [cinema](#) e [literatura](#). Entre suas obras mais conhecidas estão: [Romeu e Julieta](#), que se tornou a história de amor por excelência, e [Hamlet](#), que possui uma das frases mais conhecidas da língua inglesa: *To be or not to be: that's the question* ([Ser ou não ser, eis a questão](#)).

Alfred Ernest Jones (1879 – 1958). [Neuropsiquiatra](#) e [psicanalista galês](#), além de biógrafo oficial de [Sigmund Freud](#). Aluno de Emil Kraepelin, Ernest Jones introduziu a psicanálise na [Grã-Bretanha](#) e foi presidente da Associação Psicanalítica Internacional.^[1]

Quinto Horácio Flaco, em Latim *Quintus Horatius Flaccus*, nasceu em 8 de 65 a.c. [Poeta lírico](#) e [satírico](#) romano, além de filósofo, ficou conhecido por ser um dos maiores poetas da [Roma Antiga](#).

CAPÍTULO XIV : ARMADILHA DO DESEJO.

Ofélia de Jhon Millais (1851- 1852).

TEMA I: O MISTÉRIO DE HAMLET.

No capítulo XIV, Lacan traz algumas referências do contexto histórico em que Shakespeare escreveu a tragédia de Hamlet. A peça, encenada pela primeira vez em 1601, isto é, dois anos antes da morte da rainha Elisabeth, teve diversas críticas devido ao período de mudança pelo qual a Inglaterra passava. A despeito da importância deste fato, Lacan sublinha que, embora sejam inúmeros, nenhum escrito psicanalítico a respeito de Hamlet levou em conta este aspecto. Ao contrário, muitas vezes preocupou-se mais em fazer uma interpretação linha a linha do personagem Hamlet, o que

considera que só faz afastar da compreensão do conjunto da obra. Cita, neste sentido, o artigo de Ellen Sharpe, que considera decepcionante, por seguir a referida tendência. Um escrito sobre a obra de Shakespeare ao qual Lacan dedica grande atenção neste capítulo é o de Ernest Jones, que escreveu em 1910 um artigo onde introduz a questão da significação do objeto feminino, que Lacan



considera central. O interesse despertado pelo artigo de Jones diz respeito, ainda, à apresentação que faz de algumas das principais tendências em torno das quais se orientam as críticas a Hamlet.

PROPOSIÇÕES

A - AS DUAS POSIÇÕES DA CRÍTICA (E A TERCEIRA).

B - O COMPLEXO DE ÉDIPO COMO EXPLICAÇÃO PARA O MISTÉRIO DE HAMLET.

AUTORES CITADOS

Samuel Taylor Coleridge, (1772 -1834).

Wolfgang Goethe, (1749-1832).

William Hazlitt, (1778-1830).

Ernest Jones, (1879-1958) *The Oedipus-Complex as An Explanation of Hamlet's Mystery: A Study in Motive.* The American Journal of Psychology 21.1 (January, 1910): 72-113.

J.A Loening, *A new idea about Hamlet*, 1897.

Popular Science monthly – *The impediment of Adipose* (1880).

TEMA II: A CENA DENTRO DA CENA.

Na segunda cena do ato II, Hamlet, que até então se fazia de louco, tem uma ideia para resolver a dúvida sobre a verdadeira identidade do assassino de seu pai. A ideia não lhe ocorre num momento qualquer, mas justamente quando assistia a encenação de dois atores que representavam o assassinato do rei de Tróia, Príamo, por Pirro, o filho de Aquiles. O semideus Aquiles fora assassinado por um dos filhos de Príamo, Páris. Hamlet decide organizar uma peça em que fosse encenada uma situação análoga a que teria ocorrido com o seu pai, ou seja, o assassinato de um homem por seu irmão que depois lhe tomaria a esposa e o reino. A função da cena dentro da cena foi trabalhada por Otto Rank em um texto de 1915. Lacan retomou esse assunto no seminário *O desejo e sua interpretação* e também depois no *Seminário livro 10*. O intuito de Hamlet com a encenação é “apanhar a consciência do rei”, ou seja, observar a reação de Claudio ao assistir a cena para determinar sua culpa ou inocência. Há porém, outra verdade que se revela nessa encenação e que diz respeito ao desejo do próprio Hamlet.

PROPOSIÇÕES

A - HAMLET COLOCA SEU DESEJO EM CENA COMO FICÇÃO.

B - O PROBLEMA QUE SE APRESENTA A HAMLET É SOBRE O OBJETO FEMININO.**AUTORES CITADOS**

Otto Rank. *The play within Hamlet*. Imago. V. 4, n.1, 1915.

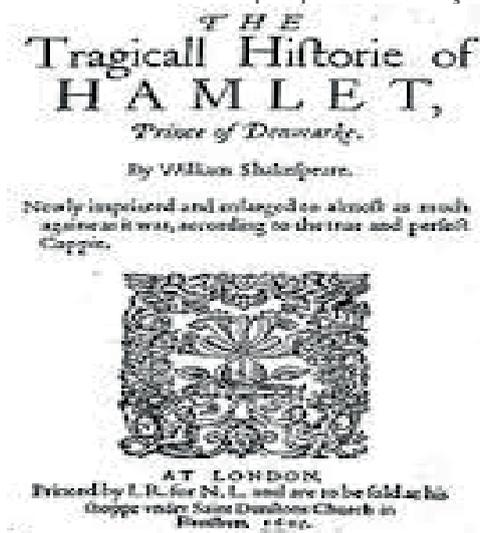
REFERÊNCIAS DE PESQUISA:

Lacan, J. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

O assassinato de Príamo.

Junito de Souza Brandão. *Mitologia Grega*, Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1999.

Lacan cita um trecho de Hamlet, em que Shakespeare faz referência a uma passagem da guerra de Troia, quando ocorre a invasão da cidade pelos gregos. Segundo algumas lendas, Neopóltemo ou Pirro, filho de Aquiles, teria assassinado Páris nesse momento. Príamo era casado com Hécuba, esposa fiel e dedicada. No momento da invasão da cidade ela tenta convencer o marido, já idoso, a recolher-se com ela para evitar a morte. Príamo, porém, veste suas armas para cair, honrosamente, em combate. O pai de Pirro, o semideus Aquiles, havia matado o filho mais velho de Príamo, Heitor, e fora posteriormente assassinado por outro filho de Príamo, o príncipe Páris. Esse assassinato, portanto, insere-se num contexto de amor paterno e filial, e também da tarefa da vingança levada a cabo. A hesitação de Pirro, que logo após consuma cruelmente o assassinato, remete Hamlet a sua própria hesitação.

**CAPÍTULO XV: O DESEJO DA MÃE.****TEMA I: NÃO É UM PERSONAGEM REAL.**

Lacan inicia este capítulo dizendo tratar de aspectos clínicos ao situar o sentido do desejo a partir do texto de Shakespeare e dele derivados. Ele se refere, por exemplo, ao texto de Ernest Jones *Hamlet e o complexo de Édipo*, e recomenda a leitura de Dover Wilson *What Happens in Hamlet*, ao invés de ter como referência Loening. Em seguida Lacan enumera diversos críticos e estudiosos de Hamlet, como Jon Robertson em *Mystery of Hamlet*, dizendo que Hamlet era o vazio, que não se sustentava, ou o caráter impenetrável, destacado por Grillparzer, como a razão do sucesso de Hamlet, ou até mesmo Eliot que evoca o “fracasso” da peça de Shakespeare.

Lacan acrescenta a sua articulação dizendo que Hamlet “é um espelho” no qual cada um se viu a sua maneira, assim como cada ator o representa com seu estilo. Lacan diz que “há na relação de Hamlet com aquele que o apreende, seja como leitor, seja como espectador, um fenômeno que é da ordem de uma ilusão”. Aí podemos dizer que Lacan parafraseia Dover quando este afirma que “Hamlet não é um personagem real”.

PROPOSIÇÕES

A - EM UMA OBRA, SOMOS TOCADOS POR SEU VALOR DE DISCURSO QUE DÁ ESPA-

ÇO AOS NOSSOS PRÓPRIOS DESEJOS. B - O ATOR COMO INCONSCIENTE REAL.

AUTORES CITADOS

Ernest Jones, *Hamlet e o Complexo de Édipo*. 1970.

Wilbraham Fitzjohn Trench (1983), *Shakespeare's Hamlet; a new commentary with a chapter on first principles* (1913).

Wilson Dover, *What Happens in Hamlet*.

T. S. Eliot, Hamlet, in: *Ensaio Escolhidos*. Sel., trad. e notas de Maria Adelaide Ramos. Lisboa: Cotovia, 1992.

J.A Loening, *A new idea about Hamlet*, a Chicago Elocutionist, Advances a Peculiar Theory.

Franz Grillparzer, (1791 -1872), foi um dramaturgo austríaco. Sua obra se enquadra no estilo Biedermeier.

TEMA II: HAMLET PARA ALÉM DE SEU DESEJO: DESEJO DA MÃE.

Hamlet e sua mãe

Lacan comenta neste capítulo a posição subjetiva de Hamlet frente ao desejo da mãe. Está frente a uma relação que torna seu ato difícil, tarefa repugnante para Hamlet, que o põe de fato numa situação problemática perante sua própria ação. Ele deve reconhecer que isso é seu desejo, que é de certa maneira o caráter impuro de seu desejo que opera sem que ele o saiba, *l'insu d'Hamlet*.

Hamlet pode ser uma composição, uma estrutura tal que aí o desejo encontra seu lugar correto, um lugar para todos os desejos. Onde todos os problemas da relação do sujeito ao desejo podem se projetar, para Lacan seria suficiente ler dessa forma a tragédia do personagem.



PROPOSIÇÕES

A - O LUGAR DO DESEJO NO SUJEITO HUMANO: *l'insu d'Hamlet*.

B - HAMLET COMO PLACA GIRATÓRIA DO DESEJO HUMANO.

C - O DESEJO HUMANO COMO OBSESSIVO OU HISTÉRICO.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

Shakespeare, W. A tragédia de Hamlet. Príncipe da Dinamarca. Ato II cena IV. Rio de Janeiro: Livrara José Olimpo Editora, 1955. Escrita entre os anos de 1599 e 1601 é a peça teatral mais extensa de William Shakespeare, a tragédia do personagem encantou gerações de leitores apaixonados. O autor discorre sobre vingança, traição, sobre o porquê da existência humana, a moral e o desejo.

Lacan J. *Le seminaire livre VI*, p. 338. Seul, Paris.

_____ *O seminário livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

TEMA III: HAMLET E A "ADAGA" NO CORAÇÃO DA SUA MÃE.

Analiticamente podemos formular alguma coisa de mais correto do que já foi dito sobre essa cena, assinala Lacan. Temos que ir além do que somente observar a cena de Hamlet frente à sua

mãe. Ao seguir a peça nos apercebermos de que aquilo com que Hamlet lida o tempo todo é um desejo, levando em conta o lugar onde está na peça, o desejo não é pela sua mãe, mas o 'desejo de sua mãe'. Interessa-nos destacar que dessa cena ele sai outro, um novo sujeito. Produz-se em Hamlet o momento singular, aquele em que ele pode assumir seu desejo.

PROPOSIÇÕES

A - PORQUE NÃO ABDICAR DO DESEJO A FAVOR DO DESEJO DA MÃE.

B - COMO NO LUTO E NA TRISTEZA A SOMBRA DO OBJETO UMA VEZ INTROJETADO CAI SOBRE O EU.

AUTORES CITADOS

Sigmund Freud, "Luto e melancolia". SB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago.